

Cliff Korman leva seu 'Brasilified' ao Blue Note Rio

PÁGINA 3



Grandes títulos da Berlinale brilham no streaming

PÁGINA 5



Heróis de HQs brasileiras em álbum de figurinhas

PÁGINA 7



2º CADERNO

Acervo do paisagista irá para Casa Cavanelas, joia modernista de Niemeyer em Petrópolis

Fotos Divulgação



Construída no ano de 1954, em Pedro do Rio, distrito de Petrópolis, a Casa Cavanelas é uma das menores construções de Niemeyer. A residência foi idealizada para o engenheiro Edmundo Cavanelas, que ganhou o projeto do arquiteto e de Burle Marx para a área externa

Por **Matheus Rocha** (Folhapress)

Dois dos maiores nomes do modernismo brasileiro vão se reunir novamente em um mesmo projeto. O acervo do paisagista Roberto Burle Marx será transferido para a Casa Cavanelas, imóvel assinado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e localizado na região serrana do Rio de Janeiro.

A expectativa é que 150 mil itens, entre desenhos, cartas, croquis e maquetes, sejam transferidos do bairro carioca de Laranjeiras para o novo endereço até 2028.

O acervo compreende um período de 70 anos e narra o nascimento de um Brasil que se pretendia moderno e que almejava dialogar com o futuro. A exemplo de Niemeyer na

Uma casa para o legado de Burle Marx

arquitetura, Burle Marx fez parte desse processo ao revolucionar o paisagismo nacional.

Se antes os jardins brasileiros buscavam inspiração no barroco francês e no romantis-

mo inglês, com ele o foco passou a ser a flora nacional. Não à toa, é considerado o pai do jardim tropical moderno e um dos paisagistas mais importantes do século 20.

“Burle Marx deixou um acervo imenso. Parece que sabia que estava preservando a história, porque guardou documentos, fotografias e clipes de jornal separados por década”, diz Isabela Ono, arquiteta paisagista e diretora-executiva do Instituto Burle Marx.

Criada em 2019, a organização tem como missão preservar e difundir o legado do paisagista. “De alguma forma, acho que ele guardou tudo isso por acreditar que serviria para o futuro.”

É justamente para dar visibilidade ao acervo que o instituto terá como nova sede a Casa Cavanelas, imóvel construído nos anos 1950 para o engenheiro Edmundo Cavanelas morar com a família.

Continua na página seguinte

A residência tem três quartos, um banheiro e um lavabo, numa área que totaliza 180 metros quadrados. Além de ter sido projetada por Niemeyer, o paisagismo do local é assinado por Burle Marx. “É uma conversa muito generosa entre a paisagem e a arquitetura. É um lugar que converge muito com valores do instituto e que pode potencializar a importância do acervo”, diz Ono.

Para manter as feições originais do imóvel, o instituto optou por não ocupar a residência. “Decidimos preservar a casa e deixá-la o mais fiel possível ao projeto original”, diz o arquiteto Thiago Bernardes, responsável pelo projeto. “A gente não usa a casa como área expositiva; queremos valorizá-la.”

O local também não comportaria as demandas da instituição. Por isso, acharam por bem construir no terreno de 215 mil metros quadrados três edificações - uma para receber o público assim que ele chegar, a outra para abrigar um café e a última para ser o pavilhão expositivo. “O desafio é fazer um projeto que valorize a arquitetura que já está lá, um processo que é muito delicado”, diz Bernardes. “Mas acreditamos que esse espaço materializa muito o que o instituto tem como objetivo, que é ressignificar o legado de Burle Marx e fazer iniciativas para o futuro.”

Uma dessas ações é estimular a troca de saberes. O instituto planeja construir na nova sede um espaço educativo para receber artistas e pesquisadores. “A gente sempre imaginou esse local não só como centro de referência, mas como um hub para pensar cidades e a questão ambiental, pautas que estão dentro do legado que ele deixou”, diz Ono.

A arquiteta também quer digitalizar o acervo para protegê-lo e facilitar a consulta. De acordo com ela, o processo é custoso e depende de patrocínio, razão pela qual 5% dos 150 mil itens foram digitalizados até agora. A expectativa, porém, é que esse percentual passe de 50% até 2028 caso consigam apoio financeiro. “A gente quer reter e divulgar informação sobre ele, trazendo esse banco de dados para o presente com o objetivo



A expectativa é que 150 mil itens, entre desenhos, cartas, croquis e maquetes, sejam transferidos do bairro carioca de Laranjeiras para o novo endereço até 2028.

‘É uma conversa muito generosa entre a paisagem e a arquitetura’

de inspirar novas gerações.”

É uma iniciativa alinhada ao projeto artístico de Burle Marx, alguém que defendia o caráter democrático do paisagismo. Em entrevistas, costumava dizer que preferia fazer jardins públicos aos privados por entender que eles são mais acessíveis à sociedade.

Não à toa, os projetos mais conhecidos do paisagista estão em ambientes abertos. É o caso dos jardins do Museu de Arte Moderna do Rio, com seu gramado bicolor, de curvas semelhantes às do calçadão de Copacabana. Outro exemplo emblemático é o parque do Flamengo, que guarda em sete quilômetros de extensão espécies que Burle Marx trouxe de seu sítio, localizado em Barra de Guaratiba.

Concebido como um laboratório

de experimentação botânica, o espaço abriga uma vegetação luxuriante, com mais 3,5 mil espécies de plantas, além de mais de 3 mil itens museológicos.

Nos anos 1980, o paisagista doou a propriedade ao governo federal para pesquisas paisagísticas e botânicas. Em julho de 2021, o sítio foi reconhecido de forma unânime pela Unesco como patrimônio mundial.

Embora seja associado às elites, o paisagista também fez projetos para regiões distantes da zona sul carioca, como Bangu e Madureira. No entanto, esses jardins nunca foram executados pelo poder público.

A nova sede do instituto de certa forma dá continuidade ao viés republicano do trabalho de Burle Marx. “Ele buscava levar a beleza ao maior número de pessoas possível, não ape-

nas a uma minoria”, diz Ono. “É um legado muito potente e que representa um Brasil que deu certo.”

Avaliação parecida faz Alda de Azevedo Ferreira, doutora em arquitetura pela UFRJ e especialista no trabalho de Burle Marx. “Ele entendia que a vegetação não era importante só para o espaço urbano, mas para a qualidade de vida das pessoas. Revisitar seu legado é uma forma de tornar essa consciência cada vez mais presente no nosso dia a dia.”

Além disso, a especialista considera que o acervo ajuda a manter a integridade dos projetos de Burle Marx. Isso porque muitos jardins públicos perderam as características originais em razão do abandono.

Os registros documentais, diz Ferreira, são uma espécie de lembrete do que ele concebeu e um guia caso

o poder público queira recuperar os trabalhos. “Preservar e tornar público esse acervo é uma forma de lutar contra o esquecimento e pensar no que pode ser feito a partir de agora”, diz ela, acrescentando que os documentos ajudam também a refletir sobre assuntos contemporâneos. “O que ele deixou pode ser usado como base para pensar questões ambientais, espaços urbanos e até o pós-pandemia. Burle Marx deixou uma memória viva.”

Exposição no MAM

A atualidade do paisagista é o fio condutor da exposição “Lugar de Estar: O Legado Burle Marx”, no Museu de Arte Moderna do Rio. Com cerca de cem obras, a mostra dialoga com 22 projetos do paisagista e de sua equipe para jogar luz sobre temas que permeiam o trabalho dele, como direito à cidade e ativismo ambiental.

A mostra traz clipes de jornais em que o artista denuncia a destruição ambiental num momento em que esse assunto não estava na ordem do dia. O paisagista também se mostrou contra a construção da rodovia Transamazônica, projeto da ditadura militar que provocou desmatamento na região. Nos anos 1960, ele já falava sobre assuntos de extrema importância. Declarações que poderiam ser repetidas palavra por palavra hoje em dia.

Um novaiorquino movido a música brasileira

Pianista, compositor, pesquisador e educador, Cliff Korman se apresenta nesta quinta no Blue Note Rio

Por Affonso Nunes



Reprodução

Hábil improvisador e arranjador, Korman bebe da rica fonte rítmica da música brasileira

Muitos são os músicos estrangeiros fascinados e inspirados pela música brasileira e pela Bossa Nova em particular. Mas poucos deles têm o conhecimento do estadunidense Cliff Korman. O pianista novaiorquino se apresenta nesta quinta-feira (15), às 20h, no Blue Note Rio, com seu show “Brasilified” em que

reúne suas leituras jazzísticas para alguns de seus temas favoritos de nossa música.

Suas colaborações musicais com grandes nomes brasileiros como Paulo Moura (1932/2010), Hermeto Pascoal, Aírto Moreira e Ivan Lins solidificaram sua reputação como embaixador da música

brasileira. Musicalmente, Cliff Korman combina os ritmos tradicionais brasileiros com harmonias de jazz modernas, resultando numa tapeçaria musical única, o que pode ser conferido nos excelentes “Gafeira Jazz” (2006) e “Mood Ingenio: Pixinguinha Meets Duke Ellington” (2010), ambos gravados

com Paulo Moura.

Desde seu encontro com o saudoso saxofonista no Creative Music Studio’s World Music Institute em Woodstock (EUA), Korman desenvolveu inúmeros projetos e pesquisas sobre música brasileira a ponto de atualmente ser professor adjunto na Universidade Federal

de Estado de Rio de Janeiro (UNIRIO) atuando nas disciplinas Harmonia de Teclado, Harmonia em Música Popular, e Técnicas de Improvisação. Coordena o grupo de pesquisa Improvisa e um projeto para digitalizar o acervo de Paulo Moura.

“O Brasil e a cultura musical tem sido muito importante pra mim como artista”, repete o pianista, compositor, pesquisador e educador.

Além de seu amor pela música brasileira, Korman é um nome representativo no mundo do jazz fusion. Ao unir o jazz, rock e música brasileira, Korman obteve reconhecimento internacional. Suas habilidades de improvisação e arranjos intrincados surpreendem os ouvintes mais atentos.

SERVIÇO

CLIFF KORMAN TRIO
Blue Note Rio (Avenida Atlântica, 1910 - Copacabana)
15/2, às 20h
Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

Pearl Jam finaliza o aguardado ‘Dark Matter’

Eddie Vedder classifica o novo disco como o melhor feito pela banda

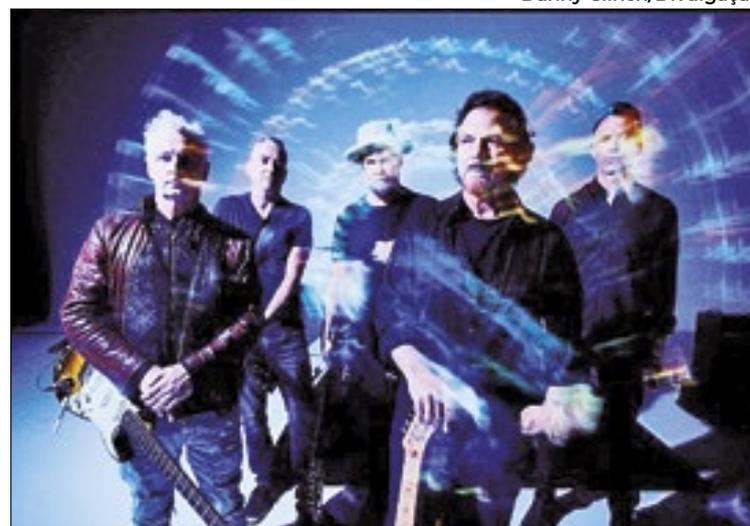
Depois do surpreendente “Gigaton” (2020), com sua sonoridade de puro hard rock, o Pearl Jam está na reta final de lançamento de seu 12º álbum de estúdio. Batizado de “Dark Matter”, o trabalho chega ao mercado em 19 de abril e a faixa-título do novo disco já está disponível nas plataformas digitais.

“Dark Matter” também dá nome à turnê mundial com 35 datas da banda de Seattle (EUA) que terá início em 4 de maio em Vancouver (Canadá). A banda cobrirá grande parte da América do Norte e Europa até setembro, seguida por

paradas na Nova Zelândia e Austrália. A agenda da banda tem espaço entre 17 de setembro e 13 de novembro, o que pode gerar datas na América Latina.

No ano passado, os integrantes Eddie Vedder (vocal), Jeff Ament (baixo), Stone Gossard (guitarra base), Mike McCready (guitarra solo) e Matt Cameron (bateria) se recolheram no Shangri-La Studios, em Malibu (Califórnia), onde simplesmente plugaram e saíram tocando, sob a batuta do produtor Andrew Watt.

Os instrumentistas tocaram cara



Danny Clinch/Divulgação

Músicos da banda criaram as faixas em três semanas

a cara, reunidos no mesmo espaço, para conseguir se comunicar sonoramente no mais alto nível. Composto e gravado numa explosão criativa, “Dark Matter” nasceu após apenas três semanas de trabalho.

“Dark Matter”, acreditam os músicos, canaliza o espírito coletivo de um grupo de irmãos e velhos parceiros criativos reunidos no mesmo espaço, tocando como se suas vidas dependessem disso. É

como se toda uma gloriosa carreira fosse renovada num único trabalho. A banda apresentou as novas faixas numa festa de audição no Troubadour, em Los Angeles, durante a semana em que se realizava o Grammy Awards.

“Estou arrepiado, porque tenho boas lembranças. Ainda estamos procurando maneiras de nos comunicar. Estamos em um momento de nossas vidas em que podemos fazer

isso ou não, mas ainda nos preocupamos em lançar algo que seja significativo e que, esperamos, seja nosso melhor trabalho. Sem exagero, acho que esse é o nosso melhor trabalho”, declara Eddie Vedder.

O Jeff Ament arremata: “É o que Ed disse sobre a gente se reunir no mesmo espaço a essa altura. Sentimos que estávamos prestes a fazer um disco realmente importante. Muito disso teve a ver com a atmosfera que Andrew criou. Ele tem um conhecimento enciclopédico de nossa história, não apenas enquanto banda e sobre como escrevemos músicas, mas também como músicos. Ele conseguia identificar coisas que fazíamos em canções antigas a ponto de eu pensar: ‘De que diabos ele está falando?’ Sua empolgação era contagiante. Ele é uma força. Só quero agradecer por nos manter no caminho certo. Eu não poderia estar mais orgulhoso de nós como banda. Eu sou muito grato aos fãs, mas acima de tudo, aos meus brothers, essas pessoas com quem eu fiz música”. (A.N.)

CORREIO CULTURAL

Kevin Mazur/Divulgação



Jaafar Jackson, sobrinho de Michael, viverá cantor

Revelada a 1ª imagem do filme sobre Michael Jackson

Foi divulgada a primeira imagem de Jaafar Jackson, sobrinho de Michael Jackson, caracterizado como o cantor para o filme “Michael”, que estreia em abril de 2025 nos cinemas. O longa está em fase de produção. Na imagem, Jaafar Jackson aparece usando um dos looks mais icônicos do tio, o de “Man in the Mirror” — re-

gata branca, camisa, e cabelos compridos presos num rabo de cavalo. Michael Jackson se vestiu dessa maneira na turnê “Dangerous”, que fez em 1992 e 1993.

“Com Jaafar, todos os looks, todas as notas, todas as danças são o próprio Michael”, disse o produtor Graham King em uma declaração recente.

Visitas guiadas

Em cartaz no Centro Cultural Correios, a exposição ‘Três Marias’, reunindo obras de Daniela Schiller, Mariana Porto e Flavia Renault, terá visitas guiadas nos dias 16, 22 e 24, quando os espectadores poderão conhecer os processos criativos das artistas.

Bob Marley eterno

O lançamento da trilha do filme “Bob Marley: One Love” está disponível nas plataformas digitais. O projeto compreende 17 das mais conhecidas gravações do astro da música, que serão apresentadas no drama dirigido por Reinaldo Marcus Green.

Celebração

A Assembleia Legislativa instituiu o dia 27 de março como o Dia da Música no Museu. A comemoração anual ressalta a importância do projeto realizado em museus, centros e demais espaços culturais integrando a música às suas atividades.

Axé pra bebês

O selo Rock Your Babies, especializado em reedições de sucessos para embalar os bebês no formato “caixinha de música”, expande o seu trabalho. Depois da série com 24 hinos de clubes de futebol, o projeto se debruça sobre sucessos do axé.



Fundada em 1921, a London Chamber Orchestra é uma instituição beneficente

Debandada

de músicos na London Chamber Orchestra

Instrumentistas abandonam concerto após cinco meses sem salários na centenária orquestra britânica

Em Londres, músicos substitutos foram chamados às pressas para tocar no concerto da London Chamber Orchestra (LCO) programado para o último dia 7, depois que metade da orquestra abandonou o ensaio naquele dia. O protesto foi realizado em razão de disputas salariais. Os músicos alegam que não são pagos há cinco meses, e que seguem trabalhando normalmente.

“É uma verdadeira batalha trabalhar como músico profissional nesta cidade agora”, disse um dos profissionais ao jornal britânico The Observer. “Não somos muito bem pagos e, portanto, precisamos fazer outros trabalhos, ao mesmo tempo em que cumprimos nossas horas de execução. Portanto, certamente precisamos ser pagos quando trabalharmos”, continuou a fonte.

A London Chamber Orchestra

foi fundada em 1921 e é a primeira orquestra de câmara profissional do Reino Unido. A organização teve dificuldades para encontrar músicos substitutos suficientes para viabilizar o concerto no Cadogan Hall, programado para 950 espectadores.

Segundo a CEO Jocelyn Lightfoot, os salários não têm sido pagos porque a conta bancária da orquestra foi congelada pelo banco Barclays “sem aviso prévio”. No final de 2023, o Barclays já havia sido acusado por instituições beneficentes que relataram ter passado pelo mesmo problema. Entre os que alegam ter sido prejudicados estava a sala de concertos St. John’s Smith Square.

De acordo com o Barclays, o banco havia solicitado informações adicionais de alguns de seus clientes, a fim de evitar casos de fraude e outros crimes financeiros.

A London Chamber Orchestra também é uma organização beneficente. Ela afirma que esperou por quatro meses até a reabertura de sua conta. “Mantivemos os músicos informados durante este período, de que o pagamento seria efetuado assim que a conta fosse reaberta”, disse a CEO. “Mas, à medida que o cronograma de reabertura foi adiado várias vezes, foi difícil fornecer aos músicos uma previsão clara.”

De acordo com Lightfoot, as contas atrasadas foram todas pagas na última semana, e os músicos com salários pendentes foram convidados a se manifestar. “Entendemos a enorme pressão sobre esse grupo de freelancers cujas oportunidades de trabalho foram reduzidas e comprometidas devido a cortes drásticos no financiamento para orquestras”, afirmou a CEO.

“Muitos desses músicos tiveram seu trabalho limitado devido ao Brexit e ainda estão sofrendo os efeitos pós-pandêmicos. Há uma grande preocupação com esses músicos altamente qualificados e talentosos, cujo papel e valor na sociedade são subestimados.”

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Protagonizado pelo ator irlandês Cillian Murphy (de “Oppenheimer”), o drama irlandês “Small Things Like These” inaugura nesta quinta-feira a 74ª edição de um dos festivais de cinema de maior prestígio em todo o planeta, a Berlinale, que sempre valorizou filmes brasileiros. Saímos da maratona cinéfila germânica com o Urso de Ouro – seu troféu principal – em duas ocasiões: em 1998, com vitória de “Central do Brasil”, de Walter Salles; e em 2008, com a consagração de “Tropa de Elite”, de José Padilha. Ambos estão nos streaming, concentrados na Globoplay.

Mas há outros títulos premiados lá nas plataformas digitais, sintonizados com um evento que, este ano, escalou “Cidade; Campo”, de Juliana Rojas, para concorrer na mostra Encontros. A mesma seção (competitiva) oferece brasilidade na coprodução multinacional “Dormir de Olhos Abertos”, de Nele Wohlatz, que tem Emilie Lesclaux e Kleber Mendonça Filho (de “Bacurau”) como produtores. A esquadra brasileira em Berlim inclui ainda títulos nas seções Panorama (“Betânia”, de Marcelo Botta), Generation (“Lapso”, de Caroline Cavalcanti) e Forum Expanded (“Quebranto”, de Janaina Wagner). Mas para entender o que se passa por lá este ano, vale dar uma espiada em seus laureados de outros carnavais.

Tem Netflix no arranque dessa batucada em Berlim, com a presença (por lá) da animação “A Viagem de Chihiro”, que rendeu o Urso dourado de 2002 para o japonês Hayao Miyazaki. Foi uma vitória empatada com “Domingo Sangrento”, de Paul Greengrass. Miyazaki arrebatou o mundo, a partir de sua passagem pelo Berlinale Palast, com uma menina que, numa viagem, vê seus pais serem transformados em animais, adentrando a partir daí numa jornada mística.

Na Amazon Prime, por exemplo, é possível ver o estonteante drama iraniano “A Separação”, de



‘Corpo e Alma’ (2017), um Urso à moda húngara, está na MUBI

Ursos de Ouro ao alcance de um clique

Streaming brasileiro recheia suas plataformas com achados do Festival de Berlim, que abre sua edição de nº 74, com filmes nacionais em diferentes frentes

Asghar Farhadi, coroado com o Urso de Ouro em 2011. Por lá também se encontra outra joia do Irã: “Táxi Teerã”, que venceu a Berlinale de 2015, celebrando a estética clandestina de Jafar Panahi. Perseguido pelas autoridades de sua pátria, Panahi filma escondido a vida de seus conterrâneos, simulando histórias e documentando crises bancando um taxista.



Divulgação

Globoplay exhibe ‘Central do Brasil’, um dos achados do Festival de Berlim no streaming



Divulgação

‘Não Me Toque’, o Urso de Ouro de 2008, foi para o Reserva Imovision

Numa outra latitude autoral da streaminguesfera, a plataforma Reserva Imovision, transpira-se Berlinale por todos os poros. Lá está o ganhador do Grande Prêmio do Júri do festival alemão de 2024: “Afire”, de Christian Petzold. Mas há ganhadores do Urso de Ouro também, como o documentário italiano “Fogo no Mar” (2016), de Gianfranco Rossi, e o drama ro-

meno em tons de thriller “Instinto Materno” (2013), de Călin Peter Netzer.

Também egressa da Romênia, a curadora, artista plástica e cineasta Adina Pintilie descolou uma vaga no Reserva com “Não Me Toque”, ganhador do Urso principal da Berlinale de 2018. Um conterrâneo dela, Radu Jude, ganhou o mesmo troféu em 2021, em plena pande-

mia, com “Má Sorte No Sexo Ou Pornô Acidental”. Onde vê-lo: <https://reservaimovision.com.br/>.

Embaixada dos grandes festivais no streaming brasileiro, a MUBI tem muitos filmes que saíram da Berlinale em sua grade, como “Corpo e Alma”, romance que rendeu à húngara Ildikó Enyedi o Urso de Ouro de 2017. O www.mubi.com abriu sua URL para um achado do festival, em sua mostra Panorama de 2011: “Medianeras: Buenos Aires na Era do Amor Virtual”, de Gustavo Taretto. Premiado com os Kikitos de Melhor Filme e Direção em Gramado, esta comédia romântica marcou época na década passada e virou “o filme da vida” de muita gente com sua forma espirituosa de abordar desencontros. Javier Drolas e Pilar López de Ayala têm atuações impecáveis. Eles vivem Mariana e Martín, dois jovens com vidas amorosas embaralhadas pelo desdém alheio que moram frente a frente, sem se notarem. Eles são almas gêmeas. Mas precisam aprender a olhar a vida a seu redor.

Tem mais coisa boa da Berlinale na MUBI. Ao ver seu filme “So Long, My Son” (hoje disponível nessa plataforma) ser duplamente laureado com o prêmio de Melhor Interpretação do Festival de Berlim, em 2019, para sua protagonista e seu ator principal, o diretor Wang Xiaoshuai cravou uma frase reativa ao sistema de censura do cinema em seu país: “Filmar é questão de coragem. E coragem é questão de escolha”. Fica mais fácil entender como ele enxerga o mundo zapeando o www.mubi.com atrás desse seu melodrama sobre um casal que se reestrutura após a morte de um filho.

Queridinho da Berlinale, o texano Wes Anderson ganhou o prêmio de Melhor Direção lá em 2018 com “Ilha dos Cachorros” e conquistou o Grande Prêmio do Júri de 2014 por “O Grande Hotel Budapeste”. Todos os dois estão no Star+.

A Berlinale 2024 segue até o dia 25. No dia 20, Martin Scorsese estará lá para receber o Urso de Ouro Honorário, pelo conjunto de sua obra. Neste dia será exibido “Os Infiltrados” (2006), que está na HBO Max.

Globo amarga fiasco de um remake

Fracasso na Globo, 'Elas por Elas' tem a liderança de audiência ameaçada pelo Cidade Alerta em várias capitais

Por Gabriel Vaquer (Folhapress)

O remake de "Elas por Elas" está chegando em sua reta final sem conseguir resolver seus problemas de audiência. A novela das seis da Globo tem sofrido com a concorrência do Cidade Alerta, que tem incomodado e chegado próximo da liderança com suas versões pelo Brasil.

Segundo dados obtidos pela reportagem, em pelo menos três capitais, o programa cresceu: Brasília, Recife e Vitória. A versão de São Paulo também vai bem.

O maior crescimento aconteceu na capital federal. No Cidade Alerta DF, comandado por Fred Linhares, o programa subiu de 5 pontos antes da novela para 7 pontos no último mês de ja-



Divulgação TV Globo

Remake de novela exibida em 1982, 'Elas por Elas' patina com audiência baixa

neiro. "Elas Por Elas" costuma marcar entre 10 e 11 pontos na Globo.

Não raro o Cidade Alerta DF consegue empatar ou superar a Globo no horário. No úl-

timo dia 31 de janeiro, a atração conseguiu empatar na liderança com a novela protagonizada por

'Não estou nem aí para as críticas'

Boninho diz que amou modelo de transmissão da Globo na Sapucaí

A saraivada de críticas feitas às mudanças na transmissão do desfile de carnaval pela TV Globo não fizeram a menor diferença na avaliação de Boninho, o todo-poderoso diretor de gênero de variedades e reality show da emissora.

Em entrevista para a revista Veja, o executivo assumiu a responsabilidade como diretor, mas negou ligar para o que grande parte do pú-

blico reclamou nas redes sociais.

"Eu sou o diretor. Estou amando tudo. Não estou nem aí para as críticas", afirmou rapidamente em entrevista no Sambódromo da Sapucaí. Boninho estava no local com sua companheira, a apresentadora Ana Furtado.

A Globo vem sofrendo diversas críticas nas redes sociais pela cobertura dos desfiles de Carnaval



Paulo Tauil/AgNews

Boninho na primeira noite de desfile do Grupo Especial

de 2024. Internautas condenaram a falta de informações transmitidas na televisão, como o histórico das escolas e problemas que ocorreram ao longo do percurso.

Para este ano, a transmissão do Carnaval do Rio da emissora é uma parceria da área de entretenimento com o esporte, setores que são flexíveis com publicidade, algo não per-

Deborah Secco em 10 a 10.

Já na terça-feira (6), o programa da Record chegou a atingir pico de 11 pontos, e novamente empatou na liderança com a produção na capital federal.

Em Vitória, a versão local do Cidade Alerta venceu a Globo por duas vezes na média em janeiro. A última foi em 19 de janeiro, com o programa policial marcando 10 pontos de média contra 9 da novela "Elas por Elas".

No Recife, a Record ainda não venceu a Globo, mas tem incomodado bastante. Na quarta-feira (7), o Cidade Alerta Pernambuco, com Washington Gurgel, marcou 12 pontos de média com picos de 16. A Globo e a novela das seis ficaram com 19 pontos.

A versão nacional, comandada por Luiz Bacci, também cresceu. O programa subiu seus números de 6 para 8 pontos na capital paulista com a novela no ar, e tem dado picos de 10 pontos com frequência. Na segunda (5), a atração popular chegou a ficar a apenas 3 pontos da Globo.

Cada ponto equivale a 191 mil telespectadores na Grande São Paulo.

mitido na área de jornalismo.

Karine Alves e Alex Escobar coordenaram, do estúdio, a comunicação com quem estava na avenida, trabalho exercido este ano por influenciadores, como Vitor DiCastro.

A Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) emitiu uma nota repudiando a cobertura de Carnaval da Globo e afirma que, com apresentadores desinformados no lugar de profissionais de imprensa, a transmissão teve erros. "Ao abrir mão de repórteres, a emissora detentora do direito comercial de transmissão deixou os espectadores sem informações cruciais sobre a festa. A entidade enfatiza a importância essencial do trabalho jornalístico na cobertura deste evento tão importante para a cultura nacional", diz a nota.

Heroísmo autocolante



O álbum organizado por Lorde Lobo reúne heróis brasileiros de gibis pulcados em todos os tempos

Criador do vigilante Penitente, o quadrinista Lorde Lobo investe em álbum de figurinhas que reúne super-heróis das mais variadas gerações

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Sempre devotado ao evangelho do Penitente (um vigilante dos gibis nacionais parecido com Rambo, só que em versão zumbi), o quadrinista Lorde Lobo tem um projeto novo que mexe com a nostalgia de qualquer nerd: um álbum de figurinhas. O tema dos 160 cromos adesivos: super-heróis do Brasil. O Capitão 7, um de nossos mais antigos vigilantes, estará lá, ao lado de guardiões da Justiça mais contemporâneas. O projeto estava no Catarse, mas já está prestes a sair do forno.

Idealizador do chamado “Sacroverso”, universo temático que mistura de terror e ação, Lorde

Lobo ganhou notoriedade com a saga do Penitente, um assassino de aluguel que volta do Além com a tarefa de salvar setenta vezes sete vezes o número de vítimas inocentes que executou tem um ibope dos mais altos. Basta olhar a mobilização em torno de suas missões no site <http://www.lordelobo.com.br/penitente/>, onde seus gibis estão à venda.

Na entrevista a seguir, o artista gráfico gaúcho fala sobre o que os quadrinhófilos vão colar nas páginas de “Grandes Heróis Br”.

Que heróis são esses?

LORDE LOBO: São super-heróis brasileiros de histórias em quadrinhos das mais variadas épocas. Todos já tiveram - ou ainda estão tendo - aventuras publicadas,

seja de forma impressa ou virtual. No álbum, estão representados alguns clássicos, como o Capitão 7, e até vigilantes contemporâneos, como o Penitente. Também temos

heróis indígenas, como o Pajé e o Xamã. Temos muitas super-heroínas. Temos incríveis grupos.

O que a cultura dos álbuns de



Divulgação

HQ do Penitente, personagem mais famoso do Lorde Lobo (acima, em autorretrato)

cromos e de figurinhas representam para o pop?

Os álbuns de figurinhas sempre estiveram e, ainda estão (principalmente, em época de Copa do Mundo) presentes no cenário da cultura pop. É bastante comum vermos os personagens das grandes editoras em álbum de figurinhas e sempre se sonhou com um só de personagens nacionais. Agora, a vez chegou!

Que álbuns você preencheu em sua infância e quais completou?

Nossa! Foram muitos álbuns colecionados, mas, pouquíssimos completados! Ô, lasqueira! Lembro de ter colecionado um de faroeste, um de animais, um de raças alienígenas e, é claro, um de super-heróis. Só nunca quis os de futebol.

Que ideia possível de super-heroísmo existe no Brasil?

O mito do super-herói já é universal! Não pertence mais apenas a este ou a aquele país. É um gênero e, como tal, ganha o mundo. Há quem tente dizer que super-heróis são só dos estadunidenses. Bem... o faroeste também nasceu lá e ninguém faz HQ sobre este tema melhor do que os italianos. A Índia tem seus super-heróis indianos e, por lá, eles vendem mais do que as revistas das grandes editoras norte-americanas. O gênero cabe em qualquer lugar do mundo e, com toda a certeza, aqui no Brasil também.



UM BOM JORNAL
TEM QUE SER **DIRETO**.

NÃO SER DE ESQUERDA
E NEM DE DIREITA
MAS, **DIREITO**.

É TER CORAGEM
DE INFORMAR
A VERDADE
E NÃO IMPOR
A SUA **VERDADE**.

É **RESPEITAR**
A INTELIGÊNCIA DO LEITOR
E VONTADE DO ELEITOR.

Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

correiodamanha.com.br @correiodamanha